
**INDISCIPLINA ESCOLAR E A RELAÇÃO PROFESSOR
ALUNO: PRÁTICAS A SEREM CONSTRUÍDAS
SIGNIFICADAMENTE**

Gilvana Costa Rocha Paula, Anabela Cardoso Freitas

José Gicelmo Melo Albuquerque, Luzia Mary Silva Sousa

Marcio Felipe da Rocha e Silva, Silvia Maria Paula Silva

Resumo

A indisciplina escolar sempre foi um entrave ao bom andamento pedagógico. Hoje, porém, as escolas passam por um momento crítico, uma vez que essa situação vem se agravando progressivamente. Ocorrências diárias, dentro e fora das salas de aulas, refletem-se na família e em outras instituições da sociedade. Por outro lado, a indisciplina escolar pode ser vista como um mero reflexo da indisciplina generalizada em que se encontra a sociedade atualmente. Considerada como um dos principais desafios pedagógicos da atualidade, a indisciplina escolar afeta não somente as práticas de ensino exercidas pelos professores, mas também é fonte de stress, inquietação, incerteza, capaz de despertar sentimento de frustração, angústia, impotência, humilhação e o desejo de abandonar a docência. A indisciplina escolar não envolve somente características encontradas fora da escola como problemas sociais, sobrevivência precária e baixa qualidade de vida, além de conflitos nas relações familiares, mas aspectos envolvidos e desenvolvidos na escola como a relação professor-aluno; bem como, variáveis oriundas do cotidiano escolar que permeiam o currículo oficial; entre outros, portanto, o presente artigo tem objetivo analisar de forma sucinta a indisciplina que pode ser minimizada, a partir de estudos bibliográficos, sob a ótica da mediação social a partir das interações que ocorrem dentro da escola e em especial na relação professor-aluno. Teve-se como apoio de pesquisa alguns teóricos tais como: Aquino (1999); Oliveira (2005); Parrat (2008); Saviane (2005), entre outros.

PALAVRAS CHAVES: Indisciplina. Relação professor-aluno. Escola e Família.

**INDISCIPLINE AND THE TEACHER RELATIONSHIP: PRACTICES
TO BE BUILD MEAN**

Abstract

School indiscipline has always been a barrier to good pedagogical progress. Today, however, schools are going through a critical moment, as this situation has been progressively worsening. Daily occurrences, both inside and outside the classroom, are reflected in the family and other institutions of society. On the other hand, school indiscipline can be seen as a mere reflection of the widespread indiscipline in society today. Considered as one of the main pedagogical challenges of today, school indiscipline affects not only the teaching practices of teachers, but is also a source of stress, restlessness, uncertainty, capable of arousing feelings of frustration, anguish, impotence, humiliation and desire. to abandon teaching. School indiscipline involves not only characteristics found outside school such as social problems, poor survival and poor quality of life, as well as conflicts in family relationships, but aspects involved and developed in school such as teacher-student relationship; as well as variables from the school routine that permeate the official curriculum; among others, therefore, this article aims to briefly analyze the indiscipline that can be minimized, from bibliographic studies, from the perspective of social mediation from the interactions that occur within the school and especially in the teacher-student relationship. . The research support was based on some theorists such as: Aquino (1999); Oliveira (2005); Parrat (2008); Saviane (2005), among others.

KEY WORDS: Indiscipline. Teacher-student relationship. School and family.

1. INTRODUÇÃO

Existe um grande enredamento que circula ao tema da indisciplina escolar, e paralelo a discussão tem-se a preocupação de saber as reais causas, com vistas aos desdobramentos na construção do conhecimento. Obviamente com o estudo, buscam-se ainda respostas e esclarecimentos quanto ao tema em questão sem procurar culpados, pois são vários os pretextos para se justificar a problemática: professores impacientes e desanimados, alunos desmotivados e desiludidos, ensino precário, relações afetivas abaladas, etc. situações estas que contribuem para a indisciplina na escola.

Atualmente o enfrentamento à indisciplina na escola tem sido uma tarefa árdua, em meio a inúmeros fatores. Um dos mais evidenciados é a ausência da família na escola. Sem está a escola sozinha não alcança seus objetivos, considerando que a presença da família na escola contribui para que os alunos se sentem mais protegidos e acolhidos.

O trabalho docente é desafiador, porém, são inúmeros os profissionais que se encontram afastados por consequências de indisciplina na escola. Nessa ótica é de suma importância que o profissional se coloque em uma postura ética e

flexível comparado as posturas do aluno. É o profissional que deve alinhar suas ações pedagógicas, para que se amenize a situação.

O presente trabalho visa ampliar o conhecimento e a compreensão acerca da indisciplina no contexto escolar, identificando suas causas, analisando as sérias consequências e apresentando estratégias para combater esse problema educacional, assim como, aproximar a família para buscar meios de acabar com esses atos de indisciplina, considerando que o envolvimento da família também se faz necessário, sendo uma ação conjunta através da parceria escola/família/sociedade. Além de justificar-se no fato de que os professores precisam conceber a indisciplina como algo constituído nas relações sociais institucionais, com implicações para as práticas pedagógicas e para o desenvolvimento dos alunos e o estabelecimento de relações afetivas.

2. CONCEITOS DE INDISCIPLINA

O termo indisciplina se apresenta como um empecilho que as escolas enfrentam atualmente na sociedade provocando grande ansiedade nos professores que criam expectativa na resolução de problemas. Portanto, para lidar com essa situação é necessário compreender o que está acontecendo com a indisciplina.

Percebe-se que alguns fatores influenciam a indisciplina na escola e entre elas pode-se relacionar o desinteresse dos alunos em quanto as atividades escolares, excesso de limite para algumas ações, desrespeitos entre os colegas e com os professores, baixo rendimento escolar, falta de autonomia dos pais e excesso de atribuição que seria dos pais e que ficam a encargos dos professores e da escola.

Pode-se afirmar que no contexto atual a maioria das escolas vem sofrendo algumas alterações históricas, culturais e sociais a décadas. Estes problemas de aprendizagens são os resultados externos à escola e que se manifestam através da indisciplina.

Dando continuidade a essa reflexão, ressalta-se aqui a definição de alguns teóricos referente a indisciplina escolar. Indisciplina – procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência, desordem, rebelião. (Dicionário Aurélio). No entanto para Parrat-Dayan (2008, p. 16): indisciplina é um problema sério, ela não tem forma e segue diferentes caminhos: falar alto e com agressividade, jogar papezinhos nos colegas, não estudar, não prestar atenção na aula entre outros.

De acordo com Aquino (1999), “O conceito de indisciplina como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade”.

Normalmente alguns educadores relacionam a realidade com algumas regras pedagógicas tradicionais onde o professor é visto como o detentor do saber e aos alunos ouvir e fazer o que está sendo ensinado. Até mesmo a posição como são colocadas as carteiras em salas de aulas uma atrás da outra tem muito a ver com o autoritarismo onde o poder é centralizado no professor e que são transmitidas continuamente e perduram até hoje nas escolas.

No pensamento de Oliveira (2005, p. 28), “disciplina é entendida pelo senso comum, como a manutenção da ordem e obediência às normas; a primeira significa a sua negação, ou seja, a quebra da ordem”. No entanto, a disciplina diz respeito a todos os envolvidos no processo ensino aprendizagem: direção, alunos, professores, pedagógicos, funcionários e pais. Daí é necessário a observância de certas ordens, normas de condutas e sistematização do trabalho pedagógico.

Então, cabe aos professores, o resgate do papel do professor e da importância do educador, fazendo com que a escola assuma a condição de “possibilitar o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado do saber metódico, científico,” (SAVIANI, 2005, p.75)

A falta de planejamento, de conhecimento amplo sobre o conteúdo ministrado e de metodologias adequadas podem ocasionar a indisciplina na sala

de aula. É muito importante que o professor faça uma análise de sua prática pedagógica, pois o aluno que muitas vezes se mostra indisciplinado com um professor pode não agir da mesma forma com outro. Cabe uma reflexão portanto, de seu trabalho docente, da mesma maneira como está conduzindo sua aula.

A indisciplina é um dos obstáculos que impedem os educadores ministrarem suas aulas com qualidade e que levam um grande número de alunos a reprovação e a evasão escolar. De acordo com Parrat-Dayan (2008, p. 21), os conflitos em sala de aula caracterizam-se pelo descumprimento de ordens e pela falta de limites.

3. INDISCIPLINA ESCOLAR E A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO

Historicamente a indisciplina escolar tem aumentado consideravelmente, inclusive estendendo-se fora do contexto escolar, de sobremaneira a entender que é dispensável se continuar a enumerar exemplos de problema de indisciplina. De fato, a indisciplina escolar é um fenômeno sem nacionalidade, endereço ou classe social.

Como já foi dito, a indisciplina escolar pode ser atribuída a fatores externos à escola e/ou a fatores que envolvem a conduta do professor, sua prática pedagógica e até mesmo, práticas da própria escola que podem ser excludentes.

Aquino (1996) nos remete à responsabilidade da escola enquanto instituição, que não está preparada para receber o aluno que a procura hoje. Denunciar práticas excludentes da escola que, por si só e pelo confronto com os alunos, produz a indisciplina e, assim, aponta para uma não evolução da escola, diante das mudanças sócio históricas.

Nessa abordagem entende-se a indisciplina como uma expressão de acolhimento, em razão que as ações pedagógicas não estão alcançando seus objetivos. Aquino (2003, p. 384), complementa que: “[...] estaria sinalizando, que algo, do ponto de vista pedagógico e, mais especificamente, das relações

estabelecidas em sala de aula, não está se desdobrando de acordo com as expectativas dos envolvidos”.

Dessa forma, ver-se que a indisciplina cobra aos gestores e professores uma atitude mais eficaz, antes de se atribuir culpa aos alunos, à família, à turma ou à sociedade, ou agir de forma punitiva e autoritária, se poderia refletir e perguntar-se sobre a própria prática, do planejamento à execução das aulas, das atividades e metodologias de trabalho, dos arranjos das turmas e das condições ambientais de trabalho tanto dos alunos quanto dos professores.

Nesse enfoque, Aquino (1996) discute que a escola passa a receber sujeitos não homogêneos, provindos de diferentes classes sociais, com diferentes histórias de vida e com uma “bagagem” que, muitas vezes é negada pela escola.

Aquino (ibidem, 1996) aponta que a solução pode está na forma como se dá a relação professor x aluno, ou seja, nos vínculos que se estabelecem nas relações cotidianas. Aponta como solução o desenvolvimento de um trabalho fundado no resgate da moralidade discente, através da relação com o conhecimento, que é através do desenvolvimento de propostas de trabalhos onde o foco é o conhecimento que pode se resgatar a moralidade discente, na medida em que pressupõe a observância de regras, de semelhanças e diferenças, de regularidade e de exceções.

O professor e a escola devem ter por objetivo central a mediação e recriação do conhecimento construído socialmente. O grande problema, segundo Aquino (1996) é que o professor mantém-se rígido em seu lugar de autoridade. Essas atitudes interferem negativamente no processo ensino aprendizagem, deixando os professores atordoados, procurando culpados por este fato, tal qual nos aponta Aquino (1999, p, 90): “Na busca dos determinantes da (in)disciplina, a influência de fatores extraescolares no comportamento dos alunos, na visão de muitos educadores, parece ocupar primeiro plano”.

Como ele, Guimarães (1996) também defende essa ideia e aponta que o professor considera que sua *posição normalizadora* será suficiente para

apaziguar os conflitos. Guimarães (1996) aponta ainda a alternativa de solução ao professor que, segundo ela, deveria deixar de “ocupar” seu lugar para que os alunos possam *viver com mais intensidade a misteriosa relação que une o lugar-escola e o nós-alunos*.

Em contra partida, Aquino (1999) aponta que a relação professor x aluno não é o único foco da indisciplina escolar, mas ao mesmo tempo indica sistematicamente as ações que devem ser desenvolvidas pelo professor e na escola como forma de buscar a solução desta problemática. Reconhece que a relação professor x aluno é tomada por ambiguidade pois, apesar de ser uma relação assimétrica, deve ser permeada pela reciprocidade. Aponta que, o professor não é o detentor do saber, mas, que também aprende enquanto ensina e deve abrir mão de uma postura autoritária que não considera os conhecimentos dos alunos, negando-se a ampliar seus próprios conhecimentos com os mesmos.

Fica claro, que a ideia a ser defendida neste caso é a de que há necessidade de um trabalho pautado na reciprocidade e, conseqüentemente, na cooperação e na colaboração. Não há, neste sentido, lugares fixos a serem ocupados como aprendiz e mestre, mas um meio propício para o desenvolvimento de uma relação recíproca: o conhecimento.

Por outro lado, a indisciplina escolar pode ser vista como um mero reflexo da indisciplina generalizada em que se encontra a sociedade. Diante do caos instalado, professores e gestores escolares não conseguem exercer seu papel de autoridade, sentindo-se impotentes. O detentor do conhecimento perdeu seu valor e seu lugar na hierarquia escolar, pois o conhecimento em si já não é valorizado pelos meios de comunicação de massa, com raríssimas exceções. A maior atribuição de valor é dada ao prazer individual imediato, não importa se obtido de forma lícita ou não.

A indisciplina se manifesta em diferentes níveis, indo de pequenas perturbações (como entrar sem bater, interrompendo a aula) até o vandalismo e os atos de violência contra a pessoa física. Infelizmente, as perturbações são

vistas como ocorrências normais e inevitáveis, considerando-se como indisciplina apenas as transgressões de maior vulto, como agressões, destruição e roubo.

Sobre a indisciplina existem alguns obstáculos, porém, não de caráter impossível de ser trabalhar. Para tanto é preciso que se crie e estabeleça no início do ano letivo as normas de convivência na escola, envolvendo todos os setores, para que sejam conhecidos e respeitados.

Corroborando com a afirmativa acima, Araújo comenta:

“Enfrentar as indisciplina da vida, portanto exige dos profissionais da educação uma nova postura, democrática e dialógica, que entenda os alunos não mais como sujeitos subservientes ou como adversários que devem ser vencidos e dominados. O caminho é reconhecer os alunos como possíveis parceiros de uma caminhada política e humana que almejam a construção de uma sociedade mais justa, solidaria e feliz. As relações na escola devem ser de respeito mútuo, a diversidade dos interesses pessoais e coletivos deve ser valorizados, e a escola deve buscar construir uma realidade que atenda aos interesses da sociedade e de cada um de seus membros”. (Araújo, 1996, pág.232).

Se por um lado as normas não são claras, por outro vive-se um momento cultural em que a sociedade como um todo desvaloriza as regras da boa convivência. Valorizado pela mídia é o levar vantagem, o tirar proveito, ou seja: individualismo em primeiro lugar na busca pelo prazer e satisfação imediata.

Dessa forma, é de suma importância verificar, então, quais são as normas discutidas e aplicadas e até que ponto as normas explícitas e implícitas estão claras. Muitas vezes as normas explícitas (Regimento Escolar, por exemplo) não são tão explícitas quantos deveriam ser, ou seja, não chegam ao conhecimento de todos e seu cumprimento não é realizado sequer por professores e funcionários, dando a impressão de que tais normas não têm valor. Já as normas implícitas têm, muitas vezes, relação direta com a educação recebida em casa. Assim, espera-se que o aluno saiba que deve bater na porta e aguardar permissão antes de entrar em sala. No entanto, o que se observa na prática é que tal conduta nunca lhe foi ensinada ou cobrada.

Atitudes antes observadas em uma minoria de adolescentes, hoje são amplamente generalizadas em estudantes de todos os níveis de ensino, como:

apatia, conversas, troca de mensagens escritas, exibicionismo (com comentários, posturas ou roupas/acessórios), desrespeito aos horários de entrada e saída da sala de aula, atividades de lazer durante a aula (ouvir música, ler revistas, jogos eletrônicos etc.), perguntas colocadas propositadamente para desvalorizar o professor ou o conteúdo, entre outros.

Além dessas atitudes extremamente frequentes, também ocorrem agressões (a colegas, professores e funcionários), furtos, provocações como bullying (sexuais, racistas ou com outros teores preconceituosos), desvalorização e destruição de objetos, móveis e da estrutura física da escola, sendo estas últimas claras manifestações da agressividade reprimida do estudante.

Portanto, alguns teóricos aconselham que conhecer as instâncias psíquicas e os mecanismos de defesa que atuam no aluno leva o educador a perceber no agressor um ser reprimido que necessita ser ouvido. Com isso aumenta a empatia e melhora significativamente a relação professor x aluno. Consciente dos mecanismos da projeção, da transferência e da contratransferência, o professor é capacitado a identificá-los na relação professor-aluno e, conseqüentemente, impedir a continuidade de ciclos viciosos do comportamento indesejado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática indisciplina na escola ocupa espaços pelas mais diversas razões existentes, tanto nas escolas públicas, quanto nas particulares, prevalecendo atitudes como rebeldias em face ao desrespeito com a escola, indo em contra a função social que é a construção da cidadania. Não que a escola não exerça seu papel, mas que muitas vezes o professor perde muito tempo em conter aos alunos, ao invés de usar os espaços da escola como constructo de conhecimento.

Aos pais muitas vezes não tem paciência com a educação de seus filhos, imaginem a escola receber alunos com carência familiar, precisando de amor, carinho, companheirismo e compreensão. É nessa perspectiva que todos devem

participar da responsabilidade de educar e comprometer-se a trabalhar em coletivo para caminhar em uma mesma direção, pois a indisciplina é um problema de ordem social, e os limites coletivos é o papel principal para a transformação, e juntos precisam ser persistentes e para se mudar, é preciso ter criar expectativas positivas.

Enfim, é nesse contexto que se precisa sensibilizar a comunidade escolar da importância constante de diálogos abordando o tema em questão, não apenas com especialistas, estudantes, professores e outros profissionais do campo da educação e das ciências humanas e sociais aplicadas, mas com todos os que se interessam por reinventar a educação e as relações sociais. Pois é fato, os problemas de indisciplina na escola, precisam ser discutidos para idealização de soluções e para a sua implementação. Claro que é árduo, mas a escola como o todo não pode se esquivar da problemática.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G (org.). **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. Indisciplina na escola.** São Paulo: Summus, 1996.

_____. **Autoridade e Autoritarismo na Escola: alternativas teóricas e práticas.** 3ª Ed. – São Paulo: Summus, 1999.

_____. **Autoridade docente, autonomia discente uma equação possível e necessária. Autoridade e autonomia na escola.** São Paulo: Summus, 2003.

ARAÚJO, Ulisses F. (coord.) **Disciplina, Indisciplina e a complexidade do cotidiano Escolar.** In: OLIVEIRA, Marta k. (comp.) **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea.** São Paulo: Moderna, 1996.

GUIMARÃES, A. **Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola.** Indisciplina na escola. São Paulo: Summus, 1996.

RACE

REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO

ISSN 1806-0714, v. 4, ano 2019

<http://revistas.cesmac.edu.br/index.php/administracao/index>

OLIVEIRA, Maria Isete de. **Indisciplina escolar: Determinantes, conseqüências e ações.** Brasília: Líber Livro, 2005.

PARRAT-DAYAN, Silvia. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal – **Como enfrentar a indisciplina na escola.** São Paulo: Contexto, 2008.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações.** Campinas, SP: Autores Associados, 2005.